

## ESPECTADOR COMPROMETIDO



Por: José Lapa

## Liberdade e vacuidade

totalitarismos infames, dos nacionalismos de loucura insana.

A atual crise, quicá, das mais graves após 1974, tem um carimbo: economia. Ou melhor, a debilidade da política, a permeabilidade da governação à avidez do lucro. É muito ténue a linha que as separa, e a depuração ética da sua relação é cada vez mais evidente. Yan Xuetong, Professor na Tsinghua University, de ciência política, afirma que: «O Ocidente pensa que a economia determina tudo. Não vê que o homem é um animal político. A forma de pensar das pessoas não é só determinada por coisas materiais, mas também pelo seu papel nas sociedades». (In A Nova Ordem Mundial Chinesa, documentário de Jos De Patter exibido na RTP3, em 9/11/2017). Pois, e a cidadania definha, na afirmação gratuita das redes sociais, na letargia do cidadão. A atual crise não surgiu porque o Primeiro-Ministro escolheu mal os amigos, ou porque os primeiros-ministros não têm amigos, mas sim, porque a política soçobrou ao ditame económico, mais uma vez. O problema é afinal, isso si, a falta de bons amigos. A governação, conceda-se, muitas vezes cai nesta teia inocentemente, em nome do investimento necessário ao desenvolvi-

mento. Mas, quantas vezes, a tentação rebaixa-se à prática da corrupção, esse polvo eternamente esfomeado, insaciável. E a história parece não ter ensinado nada, continuamos presos a este ditame. Recentemente, David de Jong, pulicou um arrepiante testemunho (A história negra das maiores fortunas alemãs, 2023), sobre a forma como as dinastias empresariais europeias, acumularam riqueza e poder, na sua cumplicidade com as atrocidades do III Reich, e o mais grave é que ficaram impunes aos seus crimes. Jong, dá mesmo o exemplo de Gunter Quandt, patriarca do mais icónico império industrial da Alemanha, detido em 1946 por colaborar com o regime nazi, mas absolvido. Em tempos tão complexos e ameaçadores, por nacionalismos, guerras cegas e depravadas, sem respeito pelos direitos humanos, seria bom que a democracia se repensasse, e lembra-se Zeca Afonso, sempre: «o povo é quem mais ordena dentro de ti ou cidade», máxima cidadã sem ideologia, mas tão necessária compreender. Tudo é vacuidade, como se lê no Livro de Eclesiastes: «Vacuidade de vacuidades: todas as coisas são vacuidade» (1:2). E a vacuidade compromete a liberdade. Também.

Quando, em 2024, comemorarmos os 50 anos do 25 de abril, saímos há pouco mais de um mês de um ato eleitoral, e estaremos a resolver uma crise, mais uma, fruto não do normal funcionamento da democracia (as rotações de mandato), mas sim, do anormal funcionamento do regime. Em democracia, as crises são uma ameaça à liberdade, porque, o sistema democrático é frágil, débil. Sim, se atendermos à tolerância, ou se preferirmos, ao famoso conceito de "paradoxo da tolerância" de Karl Popper, em "A Sociedade Aberta e os Seus Inimigos". A democracia ao tolerar os seus inimigos fica à mercê deles e esta é a sua fragilidade. E, na verdade, em nome da liberdade, não é fácil calar a voz, ou a palavra, ou a violência, dos

## INSTITUTO POLITÉCNICO DE VISEU CELEBRA 44 ANOS A PROJETAR-SE PARA AS FUTURAS GERAÇÕES



"Perspetivar o futuro, honrando o passado e dignificando o presente", foi o mote que presidiu à sessão solene de comemoração do 44.º aniversário do Instituto Politécnico de Viseu (IPV).

A travessar uma fase significativa de investimentos, nomeadamente com os projetos de construção do novo edifício da Escola Agrária e da nova residência de estudantes no Campus Politécnico, o IPV continua a projetar o futuro, "o mesmo é dizer-se, a pensar nas futuras gerações", assumiu o presidente José Santos Costa, que sublinha ainda o alargamento da oferta letiva a mais concelhos da região, preparando-se para assumir futuramente a designação de universidade politécnica.

"Hoje, com cerca de 6.300 estudantes no total das cerca de

100 formações que são ministradas no IPV, desejamos continuar a crescer de forma sustentada. E oportunidades existem. Seja no ensino secundário ou profissional, seja no mundo das empresas e instituições, seja nas profissões liberais, ou outras.

Para isso, precisamos de estar disponíveis, procurar conhecer melhor os nossos autarcas, as nossas empresas e os nossos concelhos, estudar em conjunto com os responsáveis quais as áreas e competências necessárias para o desenvolvimento contínuo", justificou José Santos Costa, na intervenção que proferiu na sessão solene de comemoração do 44.º aniversário do IPV.

Hoje, com cerca de 6.300 estudantes no total das cerca de 100 formações que são ministradas no IPV, desejamos conti-

nuar a crescer de forma sustentada. E oportunidades existem. Seja no ensino secundário ou profissional, seja no mundo das empresas e instituições, seja nas profissões liberais, ou outras. Para isso, precisamos de estar disponíveis, procurar conhecer melhor os nossos autarcas, as nossas empresas e os nossos concelhos, estudar em conjunto com os responsáveis quais as áreas e competências necessárias para o desenvolvimento contínuo.»

"Memória, ligação à comunidade e transferência de conhecimento, investigação, internacionalização, infraestruturas e missão", são para o presidente do IPV, "as prioridades de uma instituição de ensino superior já implementada em vários concelhos da região."O ensino superior é fundamental para o

desenvolvimento de uma cidadania bem informada e autonomia do pensamento, assumindo um papel muito importante na promoção dos valores democráticos e no desenvolvimento da geração de líderes e pensadores que nos ajudam a solucionar problemas, construindo e reconstruindo o futuro da nossa sociedade", enfatizou.

A este propósito, acrescentou: Enquanto Instituição de Ensino Superior, o Instituto Politécnico de Viseu tem como objetivo primordial a qualificação de alto nível, a produção e difusão do conhecimento, bem como a formação cultural, artística, tecnológica e científica dos seus estudantes, orientada para diferentes públicos e áreas de formação, sendo a Educação e Formação um dos seus eixos estratégicos nucleares".

## MUNICÍPIO DE VISEU CEDE LOJA COMERCIAL À ESCOLA PROFISSIONAL MARIANA SEIXAS

O Município de Viseu e a Escola Profissional Mariana Seixas celebraram um protocolo de colaboração com vista à cedência, por parte da Autarquia, de uma loja comercial – a nº 91 -, na Rua Direita, para uso da instituição de ensino profissional. O espaço, que se encontra devoluto, vai permitir, segundo a Câmara Municipal, "su-

primir as necessidades da Escola, assumindo-se como um local privilegiado para dar a conhecer os talentos e a qualidade formativa dos jovens alunos. Por outro lado, será também mais um fator de atratividade na estratégia municipal para a dinamização e revitalização do Centro Histórico de Viseu".

"A Escola Profissional Ma-

riana Seixas foi, digamos, uma pioneira nesta estratégia de revitalização da Rua Direita, quando aqui se instalou, em 2015. Para nós, faz todo o sentido este tipo de cooperações, com benefícios para as entidades envolvidas, mas também para toda a comunidade", salienta o Presidente da Câmara Municipal de Viseu, Fernando Ruas.

"O Município será sempre recetivo a projetos que possam fazer a diferença na dinâmica da zona antiga, especialmente desta artéria histórica. Aliás, ainda recentemente adquirimos o edifício da antiga Foto Batalha, o qual pretendemos requalificar e musealizar, perpetuando as memórias e histórias daquele espaço emblemático da cidade".



Por: Luís Mouga Lopes

## Entrevista a Pedro Soares, dirigente nacional do Bloco de Esquerda, investigador e docente universitário.

de pobres não baixa, pelo contrário, mesmo quem tem um trabalho. Para além disso, uma economia de baixos salários e com níveis de precariedade elevados não é uma economia desenvolvida. A riqueza que produzimos concentra-se cada vez mais num dos polos da economia – a do capital.

**Faz sentido implementar o processo de regionalização em Portugal; dividir a área geográfica do País em várias regiões?**

Faz cada vez mais sentido, diria mesmo que é inadiável. A regionalização prometida há décadas não é substituível por esta espécie de municipalização em que o Governo tem insistido com o apoio do PSD. Regionalização significa capacidade de decisão pelas populações das estratégias de desenvolvimento para os respetivos territórios. Isto não divide o país, antes pelo contrário, confere-lhe maior coesão territorial, mais participação, mais democracia, mais equilíbrio no desenvolvimento das regiões. Espero que o próximo ciclo político com as eleições antecipadas de 10 de Março tenha a coragem de enfrentar esta velha questão.

**O neoliberalismo autoritário dos governantes europeus tem aberto o caminho à extrema-direita?**

Sem dúvida. Os Estados-membros estão a perder soberania em áreas cruciais, como as das políticas orçamentais que são determinadas a priori por burocratas europeus e pela Comissão Europeia, sem terem em conta as realidades, as necessidades e os problemas concretos em cada país. O descontentamento que isto provoca nos eleitores está a ser profundamente aproveitado pelos populistas da extrema-direita que,



ainda por cima, estimulam os discursos xenófobos, anti-imigrantes, racistas, misóginos e homofóbicos. Repare-se que muitos desses dirigentes populistas chegam ao extremo de serem negacionistas em relação à evidente crise ambiental.

**Em que estado se encontra a saúde do Bloco de Esquerda?**

Espero que esteja o melhor possível. As próximas eleições legislativas antecipadas vão ser muito exigentes e o país precisa de uma esquerda forte no Parlamento e na sociedade. Ficou mais uma vez demonstrado que maiorias absolutas não são boa solução.

**Que caminho estás disposto a percorrer para lutar contra o neoliberalismo, a favor das conquistas de Abril?**

Esse tem sido o meu caminho desde muito jovem e não está no meu horizonte desistir dele.

## O Orçamento de Estado para 2024 é um Orçamento socialista?

É, claramente, um Orçamento do PS. Nas condições atuais, à beira da dissolução do Parlamento pelo Presidente da República, na sequência da demissão do Primeiro-Ministro, a proposta de OE para 2024 será aprovada pela maioria PS dia 29. Com os serviços públicos em degradação, como o SNS ou a Educação, e uma avassaladora crise habitacional, é chocante que a marca principal seja um excedente orçamental de centenas de milhões de euros, 0,2% do PIB. A nossa divergência não é em relação à diminuição da dívida, mas o ritmo a que é feita.

**Tendo em conta que o sistema capitalista entrou em colapso, visto grande parte da população viver com fortes estrangulamentos económicos e financeiros, é a altura ideal para se falar a sério sobre Rendimento Básico Incondicional (RBI)?**

Nesta fase, o que me parece ser ideal é o aumento dos salários e pensões, fortemente erodidos pela inflação, tanto no setor público como no privado, é exigir a valorização do Estado social, apesar de podermos falar sobre o RBI. As pessoas estão a empobrecer, uma grande parte da população está a sofrer com a perda de poder de compra. O número